RESUMO:
O movimento da aprendizagem é constituída de muitas formas, estando relacionada a vários fatores, cada pessoa apresenta seu próprio estilo de aprendizagem, ritmo e necessidades especificas para o seu desenvolvimento. Considerando que cada pessoa é única, a inclusão escolar é garantida quando as escolas compreendem que a pessoa é única para isso a Escola precisa atender as suas necessidades por meio da adequação no currículo com intervenções direcionadas às demandas apresentadas pelos alunos na Escola Regular. A Análise de Comportamento Aplicada – ABA analisa nos contextos naturalísticos e em ambientes estruturados, o comportamento verbal e habilidades sociais do indivíduo, propondo programas de ensino para o desenvolvimento destas habilidades, visando a qualidade da educação uma vez que a educação é um direito de todos. O Transtorno do Espectro Autista – TEA atinge milhões de pessoas no mundo, assumindo maior destaque na sociedade, determinando a necessidade de intervenções acessíveis e eficazes no aprendizado de autista em que a Análise de Comportamento Aplicada – ABA se constitui em uma técnica eficiente para o desenvolvimento adaptativos de autistas na sociedade.

PALAVRA-CHAVE: Análise de Comportamento Aplicada; Transtorno do Espectro Autista -TEA; Intervenções; Ensino; Aprendizagem.

ABSTRACT:
The learning process is made up of many forms and is related to several factors. Each person has their own learning style, pace, and specific needs for their development. Considering that each person is unique, school inclusion is guaranteed when schools understand that each person is unique. Therefore, schools need to meet their needs by adapting the curriculum with interventions aimed at the demands presented by students in regular schools. Applied Behavior Analysis (ABA) analyzes the individual's verbal behavior and social skills in naturalistic contexts and structured environments, proposing teaching programs for the development of these skills, aiming at the quality of education, since education is a right for all. Autism Spectrum Disorder (ASD) affects millions of people worldwide, assuming greater prominence in society, determining the need for accessible and effective interventions in the learning of autistic individuals, in which Applied Behavior Analysis (ABA) constitutes an efficient technique for the adaptive development of autistic individuals in society.
KEYWORD: Applied Behavior Analysis; Autism Spectrum Disorder - ASD; Interventions; Teaching; Learning.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem pressupõe a inclusão de todos na Escola por meio de tarefas, conteúdos dados, horários de chegada e saída, avaliações e as atribuições do profissional de apoio. É importante pontuar que os alunos passam pelas nossas salas de aula para aquisição de novos conhecimentos com metodologias que precisam ser revisadas constantemente para uma melhor aprendizagem.

As abordagens usadas como método de intervenção comportamental no tratamento dos sintomas presentes na(s) criança(s) na aprendizagem presentes na Análise Aplicada do Comportamento, mais conhecida no Brasil pela sigla em inglês ABA (Applied Behavioral Analysis) (CAMARGO & RISPOLI, 2013; RIBEIRO, 2010).

Vivemos em um país que a legislação educacional pressupõe uma educação inclusiva em que a grande maioria das crianças e adolescentes com problemas no desenvolvimento estão presentes na escola regular. Quando mais cedo se percebe o atraso no desenvolvimento, a questão escolar passa a tratar de forma contundente os problemas que são percebidos as diferenças para os pares com a mesma idade.

A Análise de Comportamento Aplicada – ABA possui grande suporte científico e tem sido

o método de intervenção mais pesquisado e amplamente adotado, sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, para promover a qualidade de vida de pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA (CAMARGO & RISPOLI, 2013). Ele busca avaliar, explicar e modificar comportamentos (CARTAGENES et al., 2016).

Na medida que as crianças vão crescendo e vão se tornando adolescentes, as diferenças que compõem: dificuldades, atrasos no desenvolvimento cognitivo se tornam mais evidentes e a intensidade se torna mais presente e que precisa ser visto de forma que o diagnóstico seja realizado e as intervenções possam ser direcionadas para a singularidade do(s) aluno(s) em sala de aula.

É necessário fazer um trabalho com os demais alunos para explicar a diversidade humana e a particularidade e/ou singularidade daquele aluno que está na mesma sala e que necessita de um atendimento diferenciado e direcionado a partir do seu ritmo de aprendizagem que varia independentemente da singularidade que porventura apresentem no processo de ensino.

ANÁLISE DE COMPORTAMENTO APLICADA – ABA NA APRENDIZAGEM DE AUTISTAS

O termo Análise de Comportamento Aplicada – ABA, comumente associado ao tratamento de indivíduos com Autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, ou enfim, qualquer forma de desenvolvimento atípico, vem da abreviação das iniciais do inglês "Applied Behavior Analysis" (Análise Aplicada de Comportamento – ABA).

Segundo o Manual "quando esta pesquisa é utilizada para melhorar o comportamento socialmente significativo, considera-se que é aplicada" (p. 34). Camargo & Rispoli (2013) abordam que a ABA também pode ser "definida como uma tecnologia que é aplicada em situações de vida reais, onde comportamentos apropriados e inapropriados podem ser melhorados, aumentados ou diminuídos" (RISPOLI, 2013, p .642).

Não é de hoje que se reflete a partir da permanência presença de alunos que apresentam distúrbios, dificuldade e atrasos no processo de aprendizagem e sua presença na sala regular ou na sala de recursos especializados para um atendimento especial.

Déficits na comunicação não verbal e na interação social também são manifestados pela ausência, redução ou forma estranha de olhar nos olhos dos outros, de gesticular, expressões faciais, orientação corporal ou entonação da fala. Uma característica precoce é a deficiência na atenção compartilhada, manifestada pela falta de apontar, mostrar objetos ou coisas interessantes, ou falha em seguir, olhar o que as pessoas mostram (BERNARDES e SIMONASSI, 2016, p. 3).

O processo de ensino e aprendizagem pressupõe a inclusão de todos no aprendizado por meio de tarefas, conteúdos dados, horários de chegada, avaliações e as atribuições do profissional de apoio. É importante pontuar nessa volta para um novo período em que os alunos passam pelas nossas salas de aula para aquisição de novos conhecimentos com metodologias que precisam ser revisadas constantemente para um melhor aproveitamento dos alunos no processo de aprendizagem.

As diferenças são percebidas e necessitam de um tratamento diferenciado e direcionado no sentido de incluir o singular no diverso em uma escola que está em constantes transformações e que nos desafiam para um aprendizado significativo, inclusivo, libertador e que transforme a vida dessas crianças que estão presentes na escola regular e que tem o acesso em que os direitos estão assegurados pela legislação educacional.

A Análise de Comportamento Aplicada – ABA torna-se uma intervenção bem sucedida para crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA que tipicamente respondem bem às rotinas e diretrizes claras e planejadas (SCHOEN, 2003).

Sabe-se que o método ABA possui grande suporte científico e tem sido o método de intervenção mais pesquisado e amplamente adotado, sobretudo nos Estados Unidos, para promover a qualidade de vida de pessoas com transtorno do espectro do autis-

mo (GILLIS & BUTLER, 2007; LOVAAS, 1987; VAUGHN et al., 2003; VIRUÉS-ORTEGA, 2010; HOWARD et al., 2005; LANDA, 2007).

As abordagens usadas como método de intervenção comportamental no tratamento dos sintomas presentes na(s) criança(s) na aprendizagem presentes na Análise Aplicada do Comportamento, mais conhecida no Brasil pela sigla em inglês ABA (Applied Behavior Analysis) (CAMARGO & RISPOLI, 2013; RIBEIRO, 2010).
Vivemos em um país que a legislação educacional pressupõe uma educação inclusiva em que a grande maioria das crianças e adolescentes com problemas no desenvolvimento estão presentes na escola regular. Quando mais cedo se percebe o atraso no desenvolvimento, a questão escolar passa a tratar de forma contundente os problemas que são percebidos as diferenças para os pares com a mesma idade.
A terapia Análise de Comportamento Aplicada – ABA possui grande suporte científico e tem sido o método de intervenção mais pesquisado e amplamente adotado, sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, para promover a qualidade de vida de pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA (CAMARGO & RISPOLI, 2013). Ele busca avaliar, explicar e modificar comportamentos (CARTAGENES et al., 2016).
Na medida que as crianças vão crescendo e vão se tornando adolescentes, as diferenças que compões dificuldades, atrasos no desenvolvimento cognitivo se tornam mais evidentes e a intensidade se torna mais presente e que precisa ser visto de forma que o diagnóstico seja realizado e as intervenções possam ser direcionadas para a singularidade do(s) aluno(s) em sala de aula.
As atualizações eram realizadas no manual DSM, onde os critérios diagnósticos foram sendo alterados e atualmente o autismo, de acordo com os critérios de diagnóstico mais recente da APA, no DSM-V, atualização de 2014, está definido que o Transtorno do Espectro Autista – TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento e reúne a sintomatologia do autismo em critérios diagnósticos como:

Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos: 1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais. 2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada à anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal. 3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares (DSM-5, 2014, p. 94).

O Transtorno do Espectro Autista - TEA tem características especificas como – dificuldade de manter o contato visual, ecolalia (forma de afasia em que o portador repete mecanicamente palavras ou frases que ouve) , estereotipias (repetições e rituais eu podem ser linguísticos, motores e até de postura) , interesses restritos, dificuldade de comunicação, linguagem expressiva e receptiva.

O autismo caracterize-se por apresentar uma serie de comportamentos, em qualidade, variedade e intensidade, suficiente para tornar o indivíduo prejudicado nas áreas de relacionamento social, profissional, acadêmico e emocional. O prejuízo deve ser observado, nas áreas de comunicação comportamento restritos e repetitivos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos ambientais (GOYS, 2018, p.14).

Dentro dos critérios de diagnóstico é a especificação de grau de autismo que um indivíduo pode apresentar, onde os graus I e II não necessitam de muito auxílio, que são os mais leves, classificado e ainda como I – leve e II – moderado. Já o grau III é o que neces-

sita de mais apoio e auxílio e os quais, em geral, possuem maiores comorbidades.
O transtorno do espectro autista está classificado em três níveis de gravidade: Nível 3 (Exigindo apoio muito substancial). Nível 2 (Exigindo apoio substancial). Nível 1(Exigindo apoio), cada nível está relacionado ao grau de apoio na comunicação social, comportamentos restritos e repetitivos exigido pela pessoa no desenvolvimento de suas tarefas básicas (DSM-5, 2014, p. 96).
O Transtorno do Espectro Autista – TEA apresenta três características que se manifestam de forma conjunta ou isolada:

Dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos;
Dificuldade de socialização;
Padrões repetitivos e restritos de comportamento (APA, 2013; LEMOS, SALOMÃO & AGRIPINO-RAMOS, 2014; NASCIMENTO & SOUZA, 2018 & OLIVEIRA et al., 2014).

Tais características afetam a capacidade de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista – TEA de funcionar adaptativamente na sociedade, interferindo na integração de crianças com o transtorno dentro da família e da escola, e de adolescentes e adultos na comunidade. Isso porque possuem resistência em iniciar ou estabelecer uma conversa fluida, compreender relacionamentos e ajustar comportamentos para se adequar a um contexto social.
Apresentam uma deficiência nos comportamentos comunicativos não-verbais, que consistem na dificuldade em manter contato visual com o outro e na linguagem corporal, compreensão de gestos e expressões faciais. Evidenciam também padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, que se fundamentam em movimentos motores, uso de algum objeto insistentemente e falas estereotipadas ou repetitivas, conhecidas como ecolalias (APA, 2013; NASCIMENTO & SOUZA, 2018; ROANE et al., 2016).
Ao reconhecer as características fundamentais do espectro e os déficits comuns nas habilidades sociais e no comportamento, faz-se necessário contribuir para uma melhor adaptação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA na sociedade. Para tal, diversas técnicas, de diferentes áreas do conhecimento, têm sido propostas para intervenção e realização de tratamentos em busca, não da cura, mas de auxílio no desenvolvimento das habilidades do sujeito, melhorando suas interações e tornando-os mais independentes em todas as suas áreas de atuação (RIBEIRO, 2010).
É necessário fazer um trabalho com os alunos na Escola Regular para explicar a diversidade humana e a particularidade e/ou singularidade dos alunos autistas que estão na mesma sala e que necessitam de um atendimento diferenciado e direcionado a partir do seu ritmo de aprendizagem que varia independentemente da singularidade que porventura apresentem no processo de ensino.
O aprendizado está relacionado com as situações básicas do cotidiano, com foco sobre habilidades que elas ainda não possuem, mas são essenciais para o desenvolvimento e interação social, com foco em promover um aumento do repertório social. São trabalhadas a atenção compartilhada, o contato visual, o fato de conseguir ficar sentado numa cadeira sem se levantar, conseguir iniciar e finalizar uma atividade, obedecer a comandos, melhorar o foco em alguma atividade, atender a chamados, interagir melhor com outros, dentre outros (FISHER & PIAZZA, 2015).
Nota-se pelos relatos dos participantes, que a ABA tem sido muito eficiente em auxiliar no desenvolvimento da criança em diversos aspectos e diminuir os déficits, trabalhando o que a criança necessita, de modo lúdico e divertido, por meio do vínculo criado com os acompanhantes terapêuticos (BARBOZA et al., 2019).
Na escola, se faz necessário adaptações e mudanças para que a singularidade seja tratada de forma adaptada para o contexto em que o aprendizado se concretizará no sentido de contemplar o desenvolvimento do aluno dentro de seu ritmo por meio de direcionamentos que auxiliarão em sua aquisição de conhecimento em ambiente adequado para os alunos.
No entanto, o direito à permanecia da crian-

ça na escola, está estabelecido por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, regulamentado pela Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores. (ECA, 1990, Capitulo IV).

As alterações e mudanças interferem no horário de chegada da criança que em sua singularidade em que a permanência do aluno poderá alterar o seu tempo de permanência na escola, mas isso não deve prejudicar o seu desenvolvimento, muito pelo contrário, essa flexibilização poderá ajudá-los nas suas questões e no seu próprio aprendizado.
A inclusão escolar, é garantida por lei em que o(s) aluno(s) tem o direito de ter acesso a sala de aula, assim como sua permanência ao ensino de qualidade adaptado com proposta curricular direcionada para suas singularidades.

II - Aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia no Art. 28 inciso (BRASIL, 2015, p. C. IV).

A Escola precisa se adaptar ao aluno autista em suas dificuldades e singularidade que muitas vezes são necessários o replanejamento para repensar intervenções que contribuam para o desenvolvimento flexibilizado para que a criança autista seja atendida nas suas necessidades de forma satisfatória.

Por outro lado, há que se pensar na presença de um profissional de apoio e/ou Atendente Terapêutico – AT em que suas funções e atribuições vão sendo modificadas conforme o desenvolvimento da criança e nível da sua singularidade buscando com esse movimento atingir os objetivos propostos para uma aprendizagem significativa da criança com seus pares.
Portanto, o apoio escolar se faz necessário para o acompanhamento no desenvolvimento dos alunos na aprendizagem escolar. Para Cunha (2012):

Na escola inclusiva, é demasiadamente difícil para um único educador atender a uma classe inteira com diferentes níveis educacionais e, ainda, propiciar uma educação inclusiva adequada. Tudo o que for construído no ambiente escolar deverá possuir o gene da qualidade (CUNHA, 2012, p. 55).

Para Cunha (2016), "constrói-se o currículo com a partição de gestores, supervisores, coordenadores, orientadores, psicopedagogos, professores e evidentemente a família" (CUNHA, 2016, p. 28).
As promoções de maiores oportunidades de ensino para a criança singular pressupõe o conhecimento e a participação do Atendente Terapêutico – AT que muitas vezes o professor, o educador da sala não consegue sozinho dar conta da demanda que é apresentada pelo(s) aluno(s).
Muitas crianças apresentam problemas na transição das atividades, isso significa que a criança apresenta dificuldades na transição de uma atividade para outra, por exemplo, e as crianças estão em atividade no parque que ao terminar há uma certa dificuldade na transição para outra atividade, para outro momento do aprendizado que a criança deve fazer, mas que não consegue ao apresentar dificuldades nessa transição.
A partir da individualidade de cada criança depende da atenção do Atendente Terapêutico – AT e do próprio professor que na sala iniciará outra atividade com os alunos e aí que precisa ter a atenção e o atendimento direcionado para a criança deve ser dado todas as condições para que compreenda a rotina que está acontecendo e o sentido que

isso faz para o seu aprendizado.
Os gatilhos precisam ser levados em conta quando se pensa nas sequências didáticas nos vários momentos que compõem a rotina da criança para que a mesma possa interagir com os demais sem prejudicar o seu aprendizado, mas que possa desfrutar de forma tranquila e prazerosa desses momentos em que o aprendizado acontece de forma que a brincadeira, mais do que um direito é um instrumento para o processo de aprendizagem das crianças na sala de aula.

A aplicação dos princípios de Análise do Comportamento não ocorre exclusivamente na área do autismo; ao contrário, há a aplicação em campos muito variados, como na clínica psicológica, na educação, na economia, no desempenho esportivo, entre outros. De maneira geral, em qualquer demanda socialmente relevante que envolva "comportamentos" pode-se utilizar ABA (GOMES & SILVEIRA, 2016, p. 13).

A aprendizagem precisa fazer sentido para a criança, e para que isso ocorra de forma tranquila é necessário um planejamento consistente para que a criança perceba que está sendo contemplada em sua singularidade e que pode no seu ritmo acompanhar os demais alunos no aprendizado que é de todos, mas que é processado individualmente no coletivo da classe e que deve ser observado pelos profissionais da educação que atendem esse tipo de aluno na diversidade que está presente na classe.
A acessibilidade das atividades precisa ser pensada a partir da singularidade que está presente na classe com os alunos, sobretudo com os alunos especiais que exigem um atendimento focado a partir da demanda que se apresente com a intervenção correta para que o seu processo de desenvolvimento ocorra de forma tranquila.
A execução das tarefas possibilita aos profissionais da educação a aquisição de um repertório próprio para que tenha recursos adaptados e direcionados para os alunos para que as atividades possam se tornar acessíveis para as crianças em que possam se desenvolver de forma que a sala possa ser contemplada juntamente com os demais alunos que a compõem.
Pensar, planejar essas atividades é um trabalho intenso, mas que realiza quando se percebe que os alunos vão dando as respostas necessárias a partir de seu próprio ritmo de aprendizado na aquisição do conhecimento e nas interações que vão se estabelecendo com os demais na execução das atividades, projetos, intervenções e sequências didáticas.
A mediação do conhecimento para a criança autista é de extrema importância para que a criança possa de expressar para a classe, para o profissional da educação e para os demais colegas, com isso a criança na sua singularidade pode absorver melhor o que está fazendo e que faz sentido para ela e para o seu mundo e as pessoas ao seu redor.
Portanto, analisar o comportamento dos alunos pressupõe coletar dados para elaborar as atividades com intervenções já pensadas e direcionadas para a criança autista para que possa se comunicar e participar de forma que faça sentido para sua interação com os demais e para que no final, um relatório seja elaborado para integrar as informações do que o(s) aluno(s) está fazendo, por exemplo, com relação as estereotipias que o aluno fez ou faz em determinados ambientes.
As interações com os colegas se dá nas relações que estão acontecendo com uma criança autista que apresenta um déficit na interação social, portanto, é de extrema importância perceber, ler, observar as interações que vão acontecendo e a forma como elas acontecem entre os alunos e como isso pode melhorar as relações entre os alunos e a criança em sua singularidade.
Estereotipias, interações, participação nas tarefas dadas, mesmo que essas tarefas aconteçam com a ajuda física do mediador e/ou Atendente Terapêutico – AT, no sentido de perceber a independência e autonomia do aluno que está sendo observado, acompanhado, ajudado para que sua participação se dê de forma clara e pontual na execução das tarefas propostas.
Segundo Hora (2018), a aprendizagem não depende de dicas, pois
O paradigma de aprendizagem sem erros propõe o arranjo das condições de ensino de forma que a aprendizagem ocorra, mini-

mizando a probabilidade de erros e programado mais oportunidades de reforçamento, aumentando, assim, o nível de motivação do aluno, uma vez que evita a condição de inacessibilidade ao reforçamento decorrente do erro e evita os possíveis efeitos colaterais negativos, como frustações e efeitos disruptivos. Além disso, o processo de ensino aprendizagem se torna potencialmente positivo para professor e aluno e pode representar economia de ensino, uma vez que o foco está no ensino de habilidades em vez de gastar tem com correção de erros (HORA, 2018, p. 74).

Os detalhes estão presentes na escola e vão muito além do aprender a ler, a escrever que envolvem autonomia, socialização, independência, formas de lidar com a situação-problema que são importantes e se fazem presente no contexto escolar e que não podem ser desconsiderados ou deixados em segundo plano, daí a importância de se realizar um relatório completo com as informações necessárias e detalhadas que vão nortear intervenções direcionadas para que a criança na sua singularidade possa avançar no seu próprio desenvolvimento.

Esse tipo de procedimento é importante para que possa pensar em intervenções e atividades que vão nortear determinadas ações para que a criança possa ter mais autonomia, ser mais independente na sua interação com os demais no desenvolvimento da linguagem, a partir dos dados coletados e transformados em ações para um melhor aproveitamento no desenvolvimento do aprendizado das crianças.

Nesse sentido, as ações passam a ser tomadas por meio de dados e de observações feitas no contexto escolar com os alunos que vem dos relatórios feitos e apresentados para posterior análise, reflexão e possíveis intervenções que ajudam no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicomotor da criança com o intuito de amenizar e prevenir possíveis problemas sem razão de ser, mas para que isso ocorra há que se ter um movimento todo em torno da(s) criança(s) observada(s).

É preciso por outro lado, ter cuidado com as tarefas dadas no sentido de ter o cuidado com a sua relevância para o repertório da(s) criança(s) em sua(s) singularidade(s) e, caso não seja(m), se faz necessário adaptar a(s) tarefa(s) pare que possa fazer sentido para a criança e, para isso é necessário imaginação, reflexão e planejamento para a realização da tarefa pelo(s) aluno(s) e isso vale para as tarefas em classe como para as tarefas a serem feitas em casa.

É importante que a tarefa seja individualizada com relação a tema do que está sendo adaptado e individualizado com relação à criança, ao aluno que está se trabalhando com as bases para ser compreendida para ser aplicado na criança com que está sendo trabalhada, sobretudo nas avaliações a serem atribuídas notas para verificação do rendimento e aproveitamento independentemente do diagnóstico dada a partir da singularidade humana que varia de aluno para aluno e que precisa ser adaptada.

Ressalta-se que este trabalho, enquanto pesquisa vem contribuir para a ciência de forma a ampliar a discussão sobre as potencialidades do ABA no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA, a partir da percepção dos principais sujeitos envolvidos nesse processo – pais e profissionais de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema importância ao profissional da educação estar presenta para que todas as adaptações possíveis e necessárias possam fazer sentido para os alunos que necessitam e que ao participar possam ter as condições necessárias para que o seu aprendizado aconteça a partir do ritmo da sua singularidade.

O repertório adequado do ano, da série não garante essa aquisição de conhecimento, mas é de fundamental importância estar claro os objetivos que estão presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC e o que se espera das crianças com atraso e/ou com dificuldades de aprendizagem, no entanto é necessário comparar com o aluno com ele mesmo e não com a normalidade da classe, uma vez que se existe um atraso no desenvolvimento é preciso aceitar que esse atraso, essa dificuldade existe e que se não existisse o diagnóstico não faria parte de sua

história (BRASIL, 2018).

O processo educacional de alunos com deficiências deve acontecer de forma inovadora e com técnicas cientificamente comprovadas, portanto as Instituições de Ensino devem investir em formação continuada para os professores do ensino regular de modo que esses adquiram conhecimentos e se apropriem de estratégias que contribuam no processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais específicas.

Cabe ao profissional de educação identificar como usar na sala de aula e a partir deste trabalho possa se sentir instigado a fazer mais pesquisas sobre Análise de Comportamento Aplicada – ABA, pois se observa a necessidade de qualificação a fim de proporcionar que alunos com autismo tenham o direito de inclusão no ambiente escolar e consigam se desenvolver de forma satisfatória.

A busca por procedimentos de intervenção que sejam eficazes, socialmente relevantes e economicamente viáveis é de fundamental para o aperfeiçoamento do atendimento de alunos autistas fundamentados em informações claras a respeito de seus princípios, técnicas e expectativas nos resultados de forma favorável no aprendizado dos alunos em seu processo de ensino e aprendizagem. Urge pensar no desenvolvimento de ações para que se concretize o modelo de inclusão adequado, dentre outros pilares fundamentais, a colaboração, com compartilhamento das intervenções e planejamento contínuo, baseado na análise comportamental, o apoio curricular e institucional, as implicações de toda a comunidade educativa, assim o aprendizado do(s) aluno(s) com características singulares fará sentido não só para os alunos, como para os pais e a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. Lisboa: Climepsi Editores, 2013.

BARBOZA, A. A., COSTA, L. C. B., & BARROS, R. S. Instructional Videomodeling to Teach Mothers of Children with Autism to Implement Discrete Trials: A Systematic Replication. Trends in Psychology, 2019, 27(3), 795-804.

BERNARDES, Leana Vilmar. & SIMONASSI, Lorismario Ernesto. Leitura para Pessoas com Diagnóstico de Autismo. Brasília. Instituto Walden4, 2016.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 dez. 2012.

BRASIL. Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: ME, 2018.

CAMARGO, S. P. H., & RISPOLI, M. Análise do Comportamento Aplicada como Intervenção para o Autismo: Definição, Características e Pressupostos Filosóficos. Revista Educação Especial, 26(47), Santa Maria, set./dez., 2013, pp. 639-650.

CARTAGENES, M. V.; CASTRO, C. A. L.; ALMEIDA, G. K. F. C., MAGALHÃES Y. C. & ALMEIDA, W. R. M. Software Baseado no Método ABA para Auxílio ao EnsinoAprendizagem de Crianças Portadoras de Transtorno Global do Desenvolvimento-Autista. Computer on the Beach, 2016, pp. 162-171.

CUNHA, Eugênio Cunha. Práticas Pedagógicas para Inclusão e Diversidade. 6. Ed. Rio de Janeiro. Editora Wak, 2016.

DSM-5. American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Trans-

tornos Mentais. 5. Ed. Porto Alegre: Artemed. 2015.

FISHER, W. W. & PIAZZA, C. C. Applied Behavior Analysis. The Encyclopedia of Clinical Psychology, 2015, 1-5.

GILLIS, J. M.; BUTLER, R. C. Social Skills Interventions for Preschoolers with Autism Spectrum Disorder: A Description of Single-Subject Design Studies.

Journal of Early & Intensive Behavior Intervention, V. 4, Nº 3, p. 532-547, 2007.

GOMES, Camila Graciella. & SILVEIRA, Analice Dutra. Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo. Manual para Intervenção Comportamental Intensiva. Editora Appris. 2016.

GOYS, Celso. ABA: Ensino da Fala Para Pessoa com Autismo. São Paulo, Ed.
Edicon. 2018.

HORA, Cassia Leal da. Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoa com o Transtorno do Espectro do Autismo. São Paulo, Editora Memon. 2018.

LANDA, R. Early Communication Development and Intervention for Children with Autism. Mental Retardation & Developmental Disabilities Research Reviews, V. 13, Nº 1, p. 16-25, 2007.
LEMOS, E. L. M.; SALOMÃO, N. M. R. & Agripino-Ramos, C. S. Inclusão de Crianças Autistas: Um Estudo sobre Interações Sociais no Contexto Escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, 2014, 20(1), pp. 117-130.

LOVAAS, O. I. Behavioral Treatment and Normal Educational and Intellectual Functioning in Young Autistic Children. Journal of Consulting and Clinical Psychology, V. 55, Nº 1, p. 3-9, 1987.

NASCIMENTO, G. A., & SOUZA, S. F. A Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Possibilidade de Intervenção Psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada. Revista do Curso de Pedagogia da Universidade Fumec - Paidéia, 2018, XIII (19).

OLIVEIRA, D. S.; MOURA, A. R. S.; FEIJÓ, L. P.; PINHEIRO, M. D. C.; BRITES, P., DORNELES, S. & Moura, E. Interação Vincular de Pais com Filhos Autistas. Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 2014, 5(2), 103-113.

RIBEIRO, S. H. ABA: Uma Intervenção Comportamental Eficaz em Casos de Autismo. Revista Autismo. São Paulo, V. 0, set. 2010.

ROANE, H. S.; FISHER, W. W. & CARR, J. E. Applied Behavior Analysis as Treatment for Autism Spectrum Disorder. The Journal of Pediatrics, 206. 1-6.

SCHOEN, A. A. What Potential Does the Applied Behavior Analysis Approach Have for the Treatment of Children and Youth with Autism? Journal of Instructional Psychology, V. 30, Nº 2, p. 125, 2003.

VAUGHN, S.; et al. Social Skills Interventions for Young Children with Disabilities. Remedial & Special Education, V. 24, Nº 1, p. 2, 2003.

VIRUES ORTEGA, J. Applied Behavior Analytic Intervention for Autism in Early Childhood: Meta-Analysis, Meta-Regression and Dose-Response Meta-Analysis of Multiple Outcomes. Clinical Psychology Review, V. 30, Nº 4, p. 387-399, 2010.